

SOCIOLOGIA AFRICANA: DESCONCERTO E COSMOGONIA CORRETIVA AO EUROCENTRISMO

Sabino Abna Fuma¹
Flaviano Augusto Omina²
Ricardo Óssago De Carvalho³

RESUMO

O presente artigo visa discutir a emergência de narrativas de produção livre no continente africano a partir da sociologia africana. Os pensadores nacionalistas europeu acreditam que o continente africano não tinha história. Estes descreviam a África como um lugar onde vivem pessoas sem a civilização. As narrativas demonstram que com o processo da colonização as ciências humanas e das humanidades foram utilizadas para a produção dos discursos pseudocientíficos para legitimar a suposta superioridade branca. Assim, a cultura europeia tornou-se o protótipo da civilização, tudo o que não agisse de acordo com sua visão de mundo era considerado obsoleto. Os europeus estabeleceram narrativas que naturaliza o processo de escravidão e a pilhagem dos elementos naturais das terras invadidas. Em consequência da invenção da história sobre a África, a história africana foi rejeitada pelo projeto colonial. Portanto, para a efetivação do projeto colonial, as igrejas, as escolas e os soldados serviram como peças fundamentais para a domesticação das mentes africanas e do deslocamento das subjetividades.

Palavras-chave: ÁFRICA NEGRO EUROPA .

UNILAB, INSTITUTO DE HUMANIDADES, Discente, fumaabna@aluno.unilab.edu.br¹
UNILAB, INSTITUTO DE HUMANIDADES, Discente, flaviocabi.cabi@gmail.com²
UNILAB, HUMANIDADES, Docente, ricarvalhojunior@yahoo.com.br³



INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como propósito discutir na perspectiva da sociologia africana a produção das narrativas que foram produzidas de forma gratuita sobre o continente africano, e ainda tentar trazer algumas reflexões teóricas e doutrinárias a partir das cosmoperspectivas africanas como uma resposta ao desconhecimento ou apedutismo histórico narrado por uma visão ocidentocêntrica.

Sobre o projeto da invenção da África e das narrativas para justificar a superioridade branca, Montesquieu (p.?), 1979 apud Foé 2013, p.189, afirma que, a maioria das pessoas nas áreas costeiras da África são selvagens, não têm indústria ou arte. A prova de sua estupidez é que os negros nunca souberam usar metais preciosos obtidos em abundância da natureza. Pelo contrário, as pessoas civilizadas sabem lucrar com os negócios com eles. Astuciosamente, os brancos persuadem os negros a valorizar muitas coisas que não têm valor. Isso permite que eles recebessem as mercadorias a preços elevados.

A partir da análise deste núcleo de pensamento, constata-se que os europeus queriam que os africanos pensassem da mesma forma que eles, mas que, na verdade, não podemos pensar da mesma forma, porém, a cultura e o espaço geográfico são totalmente diferentes, por isso, não podemos comparar duas realidades diferentes, e pensar que o outro tem que seguir a sua cultura ou pensar da mesma forma como você. Assim, “a maneira que cada racionalidade epistêmica e os conceitos relacionados são instanciados, “preenchidos” por assim dizer, o conteúdo concreto que é dado em termos de descrições linguísticas e costumes sociais, varia muito de um contexto cultural para outro” (KAPHAGAWANI e MALHERBE, 2002, p.7).

Os europeus domesticaram as mentes africanas e a deslocação das suas subjetividades e, sobretudo, incutiram-nos de que tudo o que é da África é satânico, justificando de que tudo o que os africanos praticavam não é moderno, por isso, têm que seguir a cultura deles. As nossas culturas foram assediadas e sobrepujadas e não há ponto final no impacto das ideias ocidentais. (FALOLA, 2007, p.23), nessa mesma ideia o autor ressalta de que, uma vez que adotamos uma variedade de modelos e sistemas políticos ocidentais, precisamos conectar as falhas políticas ao legado e ver se as fontes de conhecimento do nosso trabalho estão completamente fora de contato com a realidade desses modelos e sistemas e como nos sentimos coloque seu manuseio em prática

A partir da citação acima, percebe-se que a (alienação) levou-nos a praticar e a moldar as nossas teorias analíticas e interpretativa com base nas teorias ocidentocêntricas, vistos como para chegar ao desenvolvimento pensado a partir de um modelo linear, mas na realidade esse modelo não tem contribuído significativamente para o desenvolvimento.

METODOLOGIA

Para a realização dos nosso trabalho, adotamos a metodologia qualitativa centralizada nos trabalhos bibliográficos veiculados sobre o assunto em análise.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

INVENÇÃO DE NARRATIVA SOBRE O CONTINENTE AFRICANO

O artigo está dividido de seguinte modo, começou com a introdução e uma sessão que discuti sobre invenção de narrativas sobre o continente africano onde mostramos a forma que os colonizadores inferiorizaram os nativos justificando que são desprovidos de conhecimento e da civilização, portanto, o ideal é seguir o modelo europeu. Nesta sessão procura-se discutir e compreender as narrativas ultrajantes que foram construídas pseudo-cientificamente de forma gratuita sobre o continente.

O continente africano é visto pelos pensadores esquizofrênicas europeus e etnocentristas como sem história, ou seja, devido ao apedeutismo histórico e a colaboração com o projeto colonial, eles consideram o continente como um local onde habitam e vivem sub-humanos que não tem a civilização, portanto, as suas culturas serviram como protótipos na hierarquização dos valores culturas, políticos, linguísticos e religiosos. A história da África só existe nos textos que pode ser encontrada nas bibliotecas europeias, porém alguns escritores europeus vieram com o intuito de fazer pesquisas no continente, mas não conseguiram os resultados e inventaram coisas sobre os africanos ou próprios nativos não os contavam o que eles quiseram ouvir e explicaram outras coisas só para lhes agrada, o outro exemplo também é de certos autores clássicos, como David Hume (1853), no seu livro *Philosophical Works* of também Hegel no seu livro *La raison dans l'Histoire: introduction à la Philosophie de l'Histoire* escreveram sobre o continente africano a partir dos seus entendimentos sem conhecer a própria África;

Tudo o que não andavam de acordo com as suas cosmovisões era considerado como obsoleto e estes ditos pensadores europeus construíram as narrativas com o fito de naturalizar o processo de escravização e da usurpação dos elementos naturais que o continente dispunha e dispôs ainda. No geral, os negros foram considerados e/ou tratados como inferiores e os brancos como superioridades. Devido as arrogâncias, os europeus conseguiram implementar as suas línguas e, desvalorizando tudo o que encontravam nesse continente. De acordo com Foé (2013), o estupro do continente se deu devido a vários fatores e, portanto, a África é de fato;

o continente que viu suas crianças reduzidas a escravos e deportados, seus territórios ocupados e colonizados, suas religiões e suas línguas destruídas e substituídas. Hoje, toda a África negra é muçulmana ou cristã; ela se comunica em francês, em inglês, em português, em espanhol e às vezes em alemão e em italiano, línguas da Europa imperial. O mundo veio para África e a dominou; então, a África devia pensar esse mundo para compreendê-lo: compreender seu espírito, suas intenções, inclusive seu comportamento. O comportamento da Europa (FOÉ, 2013, p. 180-81).

Do ponto de vista dos colonos, os negros não eram inteligentes, porque não possuíam nenhum conhecimento e não conseguiam desenvolver ideias importantes, eram mentalmente inferiores aos brancos. Em relação a isso, conforme Mbembe (2001), a escravidão, a colonização e o "apartheid" não são apenas considerados para aprisionar súditos africanos com humilhação, falta de moradia e sofrimento indizível, mas também privados de existência e sociedade caracterizada por graves danos psicológicos à sua dignidade no campo da morte e a tortura do exílio. De uma forma geral, podemos entender que para os colonos tudo o que se fazia neste continente não tinha valor ou importância para a sociedade como um todo, a começar pela cultura, as religiões e costumes da África.



No entanto, de acordo com Hume (s/d) apud Fóe, 2013, p. 184) sobre a interiorização dos africanos ele afirma que,

os Negros são, por natureza, inferiores aos Brancos. A prova é que nunca existiu uma nação civilizada, nem indivíduo ilustrado por suas ações ou por sua capacidade de reflexão, dessa cor; a manufatura, a arte e a ciência lhes são desconhecidas e, em nenhuma parte entre os Negros escravos, não se pôde detectar o menor traço de inteligência.

Sobre esse assunto podemos perceber que o autor está muito equivocado sobre a sua colocação sobre a civilização, inteligência e inferioridade dos africanos, se fomos ver, na cosmovisão africana, essa questão de desenvolvimento das indústrias e da ciência não os interessa, mas os colonizadores colocaram essa ideia de inferioridade que os colonizadores pegaram como a forma de aproveitar para implementar suas culturas e formas de viver no continente africano, porém, eles pensavam que “aquele que quer conhecer as manifestações assustadoras da natureza humana pode encontrá-las na África [esse continente] do homem em estado bruto [...] no estado de selvageria e de barbárie [e onde] todos os homens são feiticeiros” (HUME, 2009 apud FOÉ, 2013, p. 178-179). Eles usavam esses adjetivos pejorativos (selvagens, brutos, infiéis, canibais) como forma de inferiorizar os negros escravizados. Portanto, para que um africano seja considerado civilizado ele tem que abandonar tudo as suas tradições e culturas para seguir o modelo europeu, ou seja, tinha que assimilar os valores culturais europeus. Nesta linha de raciocínio Falola (2007, p. 23), nos coloca o seguinte,

eles enfatizaram as brutalidades horripilantes dos que forjaram Estados, mas não a surpreendente arte de governar. A arte divinatória tornou-se paganismo, não um projeto intelectual. Líderes telúricos revolucionários foram demonizados. Quando os europeus matavam, era em nome da civilização. Quando matávamos em revide, era uma amostra de selvageria e canibalismo.

Para Foé (2013, p. 181-182), “a cosmização ou a civilização dos países conquistados acaba, simbolicamente pela captura, pela matança ou pela escravidão do indígena, que toma então a figura do monstro ou do dragão”. Uma das coisas que os colonialistas usaram para dominar os negros é a comparação da cor de pele, suas culturas e língua, justificando de que ele é superior em relação aos negros então, os nativos têm que abandonar suas culturas e implementar deles para chegar a tal civilização.

Nesta lógica pode-se dizer que “a maneira que cada racionalidade epistêmica e os conceitos relacionados são instanciados, “preenchidos” por assim dizer, o conteúdo concreto que é dado em termos de descrições linguísticas e costumes sociais, varia muito de um contexto cultural para outro.” (KAPHAGAWANI e MALHERBE, 2002, p. 7)

No que diz respeito a relação entre os colonizadores e os outros povos (negros e indígenas), podemos ver que os colonizadores não apresentam um comportamento de harmonia e de paz, mas, de exploração e de estupro do continente para resolverem as suas demandas econômicas, sociais e políticas. Nesse sentido segundo Domingos (2018) o comércio atlântico entre os séculos XV e XIX transformou os homens e mulheres africanos em homens e pessoas-alvo. Isto posto, Foé (2013, p. 182) aponta o seguinte;

a conduta estranha de Pizarro é emblemática de uma visão do mundo que faz com que o Ocidente pareça incapaz de ir ao encontro dos outros povos como um amigo, mas como um conquistador; raramente como um aliado, mas constantemente como um adversário; jamais como um parceiro, mas sempre como um mestre. O



Ocidente se recusa a dialogar com os outros povos porque ele não gosta muito do princípio da igualdade e da reciprocidade com os vencidos. O Ocidente se proíbe tal diálogo porque ele decreta a inferioridade congênita do Outro ou do vencido. Esse decreto explica a exclusão do negro da humanidade comum e sua transformação em coisa.

A ideia de inferioridade que o ocidente atribuiu aos africanos, mostra claramente como os colonialistas tratavam os negros nativos, mostrando que os negros eram inferiores a eles por forçá-los a trabalhar como uma máquina de produção para extrair ouro, diamantes e outros recursos naturais importantes que esse continente possui. “A razão é que não podemos trocar a vida e a liberdade dos negros contra “algumas toneladas de ouro”. Em nome de qual moral devemos colocar na balança “o sangue do inocente [...] com a avareza do culpado” (CONDORCET, 2009 apud FOÉ, 2013, p. 190). Para escapar dessa armadilha do Ocidente, Falola (2007, p. 25), aponta o seguinte, “a África tem de entender o Ocidente de modo a se libertar da dominação. Não há como escapar a um mundo globalizado, mas podemos criar o conhecimento necessário para remover as amarras do capitalismo explorador”.



CONCLUSÕES



Para nos livrarmos da ideia de que os africanos são inferiores aos europeus, devemos seguirmos e valorizarmos tudo o que é nosso, nossas culturas, tradições, religiões, línguas e implementar nossa filosofia dentro da nossa sociedade, conhecimentos deixados por nossos ancestrais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e aos meus familiares e amigos.

REFERÊNCIAS

BÂ, Amadou Hampatê. A tradição viva. História geral da África, v. 1, p. 167-212, 2010.

DOMINGOS, Luís Tomás. Entre estigmas e traumas de violência de colonização e escravidão: afirmação de identidade afro descendência. identidade!, v. 22, n. 2, p. 190-208, 2018.

FALOLA, Toyin. Nacionalizar a África, culturalizar o ocidente e reformular as humanidades na África. Afro-Ásia, n. 36, p.9-38, 2007.

FOÉ, Nkolo. África em diálogo, África em autoquestionamento: universalismo ou provincialismo?" Acomodação de Atlanta" ou iniciativa histórica? **Educar em Revista**, n. 47, p. 175-228, 2013.

KAPHAGAWANI, Didier N; MALHERBE, Jeanette G. African epistemology. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). **The African Philosophy Reader**. New York: Routledge, 2002, p. 219-229. Tradução para uso didático por Marcos Rodrigues.

MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. Estudos afro-asiáticos, v. 23, n. 1, p. 171-209, 2001.

MUDIMBE, Valentin Yves. A invenção da África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento. Editora Vozes, 2019.

